



# Caçador de Apóstolos

**Confira o início de uma  
nova saga de fantasia**

ROD  
REIS

**E**STA NÃO É A MINHA HISTÓRIA. O ESCRITOR NUNCA é importante.

Eu sei que já fiz mais que os outros: menti, é claro, e vou continuar mentindo, mas por escolha. Nós, escritores, somos mentirosos. Falamos sobre fios de espada, com as mãos moles. Falamos sobre acampamento e cascos de cavalo, cheiro de vinho, axila, merda e sangue. Mas tomamos chá. Falamos de mulheres com lábios entreabertos, de amores ebulindo no esterno e na virilha — fechados em nossos quartinhos, debruçados em nossos papéis. Todo escritor tem vergonha. Quem somos nós para falar de tudo isso?

Esta história não é minha, e nem estou fingindo que seja toda verdadeira. Vou estofar como bonecos todas as partes que não vi. Meus personagens falarão com vozes precisas, estudadas; talvez eu aplaine uma verruga ou estreite um nariz. Mas, no meio das mentiras, está o que eu presenciei, e é por isso que vale a pena escrever. Contar a história que não é minha, é do meu protagonista. Não um herói montado de imaginações, um homem; o melhor homem que conheci.

Meu melhor amigo, o homem que queria me matar.

\* \* \* \* \*

Estava ali mesmo, e eu me escondia. O maior criminoso sob o céu, o Soldado do Diabo, o traidor que usara o nome de Deus. Senti o peso da história sobre mim. Senti ser um número, uma marca na contagem dele à próxima centena de corpos. Forcei as costas a não recurrar — daquele jeito, encolhido, era um alvo ainda mais óbvio, mais fácil. Meu disfarce era a sujeira da estrada e do estábulo onde dormira pela última vez. Se não mostrasse os dentes, poderia ser confundido com as pessoas que se aglomeravam; era dia de festa.

Empurrei os ombros para entrar no meio do povo, procurando esconderijo na aglomeração e camuflagem nos cheiros. Gritaria e hálito. Formavam um semicírculo em torno do amarrado infeliz, ereto a um poste, cordas prendendo os membros, mordança. Mas não venda: era divertido ver seus olhos de súplica. Nenhuma festa era maior que uma execução, e tanto melhor que fosse um herege. Aos lados, dois executores. Numa vila daquele tamanho, eram pais, primos e amigos de taverna, voluntários para o trabalho bissexto. Um deles era açougueiro, e via os filhos babarem de orgulho. O outro tentava aprender a ferraria e, naquela noite, poderia escolher qualquer rapariga da aldeia. Ser executor era melhor do que ser escritor. Havia também um padre, é claro, mas ele aguardava sua deixa, para fazer uma grande entrada espetacular.

O condenado fez mais uma tentativa; remexeu-se, forçou as cordas. O suficiente para que lhe queimassem a pele, e para arrancar uma gargalhada da multidão. Os executores tentavam não sorrir.

Eu sabia que meu próprio carrasco não estava longe. Talvez estivesse ali mesmo entre os espectadores. Demorei um olhar no rosto do herege. Glória a Deus pelas pequenas bênçãos: minha morte não estava tão próxima, nem seria tão pública. Ele também olhou para mim, nauseei. Virei-lhe as costas. Tremendo, sentindo um arañhar no fundo do estômago, olhei para baixo. Não podia fazer nada para ajudá-lo, repeti sob a respiração.

Sol laranja, era quase noite. Faltavam minutos para o espetáculo das tochas. O condenado sabia que tinha pouco tempo, e eu também. Chapinhei pelo barro, desviei-me de um bode solto, rumei para a única taverna. Em toda a aldeia, haveria casas desertas; todo mundo estava lá. Crianças correndo em círculos, numa peleja imaginária. Outras com olhos para minha bolsa. Dois jovens trocando sorrisos, sugerindo e planejando um segredo. Uma mãe repreendendo um garoto com um tapa, depois lhe afagando o cabelo. A placa da taverna não tinha nada escrito,

porque ninguém sabia ler. Mostrava um desenho rude, na madeira cheia de nós — um asno corado, abraçado por uma garota em vestido longo.

Logo fora da taverna, cheiro de comida. Um fogo de chão era atendido por um velho maltratado. A gordura veterana dentro da panela fritava guloseimas. Outro vendedor estava ali perto, seus braços roliços entregando bolos aos aldeões. Em volta, muitas pessoas de moedas em punho.

— Ainda prefiro enforcamento — disse o homem das frituras.

— Fogueira é mais bonito — disse o outro, servindo um freguês.

— Com fogueira, não se pode vender carne assada. As pessoas associam o cheiro.

— Isso é verdade. Enforcamento não tem cheiro.

— Até quando o sujeito estrebucha e solta o intestino. Todo mundo perde o apetite.

Concordaram, sábios.

Entre na taverna. O interior era mais quente. Chão de terra, uma continuação do lado de fora, apenas cercada por paredes de madeira e coberta de sapé onde alguns pássaros faziam ninhos. O ar era translúcido de fumaça. Fregueses acotovelavam-se em duas mesas compridas, e muitos outros de pé. Com moedas suficientes, compravam o zumbido do vinho na cabeça, para melhor aproveitar a diversão. Com mais um pouco, compravam a embriaguez, uma justificativa para qualquer comportamento. Estavam felizes.

Grunhi por uma bebida, lembrei de esquecer o por favor. Não queria despertar atenção. Entrincheirei-me num canto, equilibrando o caneco transbordante. A cerveja tinha gosto de água e pés. Perto de mim, alguém aliviava a bexiga, apoiando a testa na parede, sustentando o corpo.

Um homem subiu em uma das mesas. Tinha um alaúde. Pensei: Merda, um bardo. Não gosto de bardos, ainda menos do que de escritores. Mas é claro que ele sabia o que as pessoas queriam, ainda mais em noite de fogueira. Começou a história do modo habitual:

— Havia dois soldados. Um de Deus, e um do diabo.

Duas ou três notas quebradas do alaúde, e foi soterrado pela gritaria satisfeita da platéia. Aplausos, punhos na mesa, a ponto de derramar os canecos, quase fazê-lo cair. O bardo vestia uma túnica puída, sapatos absurdos de pontas recurvadas — feitos para corte e tavernas, desgastados por viagens. Até mesmo um bardo com roupa remendada conseguia sobreviver contando a história do Cavaleiro Imaculado e do Guerreiro do Povo.

\* \* \* \* \*

Havia dois soldados. Um de Deus, e um do diabo.

Os truques do diabo castigavam a terra, pois ninguém sabia que ele tinha seu próprio guerreiro e sua própria Voz. Sempre, desde que nos foi dado o presente da memória, a Voz de Urag governou nossa ilha, protegeu nosso povo. Sempre esteve acima do mais alto nobre e à frente da Santa Igreja da Fala de Deus, Sobre Tudo e Sobre Todos. E a terra sofria, porque a Voz de Urag, mulher escolhida por Deus como receptáculo de Sua vontade, era cruel.

Os mortais não entendiam. Como podia a Voz falar mentiras? Como Urag permitira que houvesse tanto sofrimento? A heresia ficava impune, a praga consumia os corpos. Turbas voltavam-se contra seus senhores. Seria uma provação? O bom povo suportava, confiante. Como a Voz de Urag não revelava as soluções?

Os sábios então descobriram uma profecia. Tudo já fora previsto, no infinito plano de Deus. Haveria uma Voz corrompida, diabólica,

disfarçada com os mantos de Urag. E haveria dois guerreiros sagrados, destinados a derrubá-la.

Os dois guerreiros se revelaram. Como fora previsto, eram opostos, mas unidos pelo amor de irmãos. O Cavaleiro Imaculado, em sua armadura reluzente e seu corcel branco, o filho mais sublime da nobreza. Garboso, digno, elegante, como um anjo descido à terra. E o Guerreiro do Povo, de botas no chão e espada em punho, nascido na mais pobre aldeia. Vindo da miséria e do trabalho, ascendeu por sua fé e sua força, tornando-se general. Resistente, determinado, incansável e confiante, como o espírito da ilha transformado em gente. Mesmo tão diferentes, eram inseparáveis. Por muitos anos compartilharam da amizade vinda do verdadeiro caráter e da fé. Unidos, lideraram a guerra justa contra a Voz corrompida.

Os exércitos da serva do demônio investiram num enxame contra as fileiras abençoadas, mas o Cavaleiro Imaculado e o Guerreiro do Povo postaram-se à frente. Por meses, travou-se uma guerra cruel. A Voz conquistou a santa capital de nossa terra. Mas Urag interveio, e auxiliou Seus generais. Os dois escolhidos romperam as muralhas da cidade tomada, derrotaram as intermináveis hordas de hereges e traidores. Alguns dizem que demônios lutaram naquele dia, mas nada adiantou contra a bondade, a fé e o amor fraternal. O sangue da meretriz do diabo manchou as lâminas. A Voz caiu. A Igreja estava limpa, estava limpa a terra.

Ou achávamos.

Era o plano do diabo. A Igreja, embora limpa, estava sem líder, sem Voz. O Guerreiro do Povo tinha sede de sangue, deleitara-se com a morte da inimiga. O Cavaleiro Imaculado não quis acreditar no que vira. O Guerreiro do Povo voltou-se então contra os cardeais, os príncipes da Igreja. Sem Voz, restavam apenas aqueles humildes religiosos para guiar os fiéis. O Cavaleiro Imaculado protegeu-os. Os dois irmãos lutaram.

Os sábios da Igreja descobriram mais uma profecia:

Haveria dois soldados. Um de Deus, e um do diabo.

O Guerreiro do Povo era o Soldado do Diabo. Foi vencido e escoraçado pelo amigo que traíra. A artimanha falhou — a maldade da Voz corrupta, o engodo do falso santo, nada foi páreo para o poder da fé. Um ano depois, ainda hoje as forças da Santa Igreja caçam o apóstata. Aguardamos por uma nova Voz, e confiamos em Urag para nos guiar por mais essa provação.

\* \* \* \* \*

Tudo mentira.

\* \* \* \* \*

O poder dessa história, é claro, é não ter final. Os homens à minha volta berraram num entusiasmo de religião e ufanismo, ao ouvir as últimas notas. Ainda não havia uma Voz, e o inimigo estava à solta. Cabia a todos nós vigiar, em nome de Urag. O bardo contara uma versão quase perfeita; não havia muitos erros. Eu conseguia vê-los, mas acho que mais ninguém. Era um bom bardo, considerando-se tudo, e talvez bardos fossem melhores que escritores, no final das contas.

Não restava quase sol algum lá fora. Os aldeões acenderam as tochas, em busca de luz e calor. E acima de tudo, purificação.

— Prefiro quando não são hereges — disse uma mulher perto de mim, através da falha nos dentes.

— Todo mundo aproveita a noite — disse outra. — Menos nós.

Naquela noite, todos as ignoravam. Tentavam ser religiosos.

— Execução de herege tira o tesão.

— Não tira. Mas deixa com medo.

A outra concordou. Ninguém traía a esposa quando achava que Deus estava olhando.

— Em que será que eles pensam antes de morrer?

— Boceta.

— Será?

— Claro. Se for homem.

— E se for mulher?

— Que queria ter nascido homem. Para pensar em boceta.

Riram.

— Homem sempre pensa em boceta. Nunca viu um enforcamento? O sujeito fica duro, pendurado lá na corda.

— Até depois de mortos, continuam querendo o de sempre.

A cerveja pesou dentro de mim, como uma centena de pedregulhos insolentes. O cheiro da urina empoçada, lentamente absorvida pela terra, e da fritura distante, entrando pelas frestas, provocavam um enjôo fundo, primordial. Quis vomitar, não tinha nada no estômago. Os fregueses começaram a sair da taverna. O homem estava para morrer. Eu também, mas pelo menos não estava preso.

Era uma lenta multidão, derramando-se para o lado de fora como gelatina. Uma vagarosidade preguiçosa. Então, o fluxo se deteve. O po-varéu se abriu, meia dúzia recuou. Houve quem reclamasse, desafiasse, mas eram bêbados, que logo foram calados pelos amigos. Enquanto eles saíam, um homem entrara. Tentei me encolher.

Ele era meia cabeça maior do que todos. Seus ombros e sua espada denunciavam: soldado. O rosto não acostumado a olhar o chão, e o caminhar decidido, com um propósito. Seus cabelos eram loiros e longos, amarrados atrás da nuca. O rosto largo, de maçãs altas, bem escanhoadado. Não estava sujo. Ou talvez estivesse, mas não era a sujeira entranhada, ancestral, dos que viviam e morriam no celeiro, na olaria, no meio dos porcos. Era ele. Eu estava morto.

Sentou-se à mesa. Já quase todos de pé, mesmo assim abriram um espaço à sua volta. Ele andava pela taverna como se os outros não existissem, uma confiança fácil de guerreiro. Olhou ao redor — o bardo maltrapilho, os bêbados de saída, o taverneiro, as prostitutas, eu. Não se deteve em ninguém. Como saber se me reconhecera? Vira-me, é claro, mas não sei se minha tremedeira podia ser notada.

Chamaram lá fora. Começou a oração. Urag, calai nossas palavras, falai por nossa língua. Tochas foram acesas. O prisioneiro estava para morrer, e eu também. Mas ele seria morto por um padre. Meu assassino era um homem melhor.

Quase ninguém na taverna, e a cada instante menos. Ficáramos só nós dois. Para sumir no povo, eu devia sair também, mas o caminho até a porta passava por ele. Não me olhava. Eu tinha certeza de que, ao passar, sentiria sua mão agarrando minha camisa, seria derrubado sobre a mesa. Quase senti a madeira áspera no rosto, e então o som da espada deixando a bainha, uma dor aguda, e a sensação quente do sangue escorrendo. Não conseguia tirar os olhos dele. Criava cenas, entre o grotesco e o trágico, para minha própria morte, um vício de escritor. Um homem lá fora iria morrer de verdade. Já estava morrendo.

Ouvi um grito. Haviam tirado a mordaca do herege. Ele pedia por favor.

Senti a pulsação na garganta. Larguei o caneco.

Corri.

♦ ♦ ♦ ♦ ♦ ♦ ♦ ♦ ♦ ♦

Abri a porta com a mão espalhada. Havia passado por ele, sem notar. Só tinha olhos para o herege que iria morrer, e o fogo já crepitando aos seus pés. O homem deu um berro. A multidão estava hipnotizada em volta, acompanhando o fogo e os gritos. Dos dois lados, os executores seguravam tochas. À frente, o padre — um padre qualquer, a batina tão puída quanto as túnicas dos fazendeiros. Segurava um livro que não sabia ler, recitava passagens meio lembradas, com erros que eu percebia.

Um homem estava para morrer, e eu não conseguia fingir que não tinha culpa.

Empurrei a primeira linha de espectadores, peguei-os de surpresa, um deles escorregou, indo apoiar-se em outro. Eu era um pouco mais baixo que a maioria, e meus braços de escritor não estavam acostumados com aquilo. Não era mais forte que ninguém ali, mas empurrei a segunda fileira. Empurraram-me de volta. Dei um chute às cegas, já não conseguia enxergar nem herege e nem padre, só de esguelha o brilho das chamas. Senti o fedor da fumaça, por enquanto só palha. Minha bota acertou uma canela, seguraram-me o ombro, joguei o cotovelo para trás, bati em alguma coisa. Um homem agarrou minha camisa. Fiz algo que nunca fizera: dei-lhe um soco no nariz. Foi um soco patético, mas cheio de raiva, e vi sangue, alguma coisa raspou no meu punho fechado.

Empurrei, e notei que gritava, gritava junto com o herege. Não sabia por que estavam matando aquele homem. Talvez pela mesma razão de sempre, falou a coisa errada na hora errada, ou talvez fosse um assassino e estuprador. Mas eu sabia que ele, assim como eu, era um condenado, e assim sentia uma estranha afinidade. Éramos gêmeos de morte. Empurrei mais, dei um soco em um estômago, levei pancadas nas costelas e na cabeça, mas estava ensandecido, mal sentia qualquer coisa.

Senti uma golfada de ar fresco, eu saíra da multidão. Logo fui atingido pelo bafo da fogueira. Eu estava na frente de todos, e bem junto ao herege, aos executores e ao padre. Não sabia qual era o meu plano. Pulei, minhas pernas fraquejaram, caí como um boneco, minha fúria era maior que minha habilidade atlética. Vi meu pé dobrado, o tornozelo torcido, senti uma dor lá no fundo, compensei pulando de novo. O executor arregalou os olhos sob o capuz. Caí em cima dele, desequilibrei-o, tomei-lhe a tocha. Uma pancada súbita contra minha omoplata. Então outra na cabeça, eram pedras.

E se eu tinha algum curso de ação, foi aí que o abandonei. Estava enfurecido com aquele padre, aquela gente que me apedrejava e matava um herege. Com a tocha na mão, deixei o executor, corri para o padre. Era um velho horrendo. Brandiu o livro santo contra mim como se fosse uma arma, e era mesmo, mas não funcionaria naquela hora. O herege gritava. Bati na cara do padre, usando a tocha como um porrete, seus cabelos pegaram fogo. Agora eram dois gritando — ou três, porque acho que eu gritava também. O segundo executor investiu contra mim, e a multidão investiu contra mim, com suas pedras e toda sorte de objetos que haviam brotado de algum lugar.

Joguei a tocha para cima deles. Algo estúpido, mas que valeu alguns instantes. Eu só procurava uma maneira de salvar o condenado, resolvi pular por sobre a palha em chamas, tentar desamarrá-lo antes que eu mesmo queimasse. Caí de pé junto ao tronco, agarrei as cordas. Mas obviamente estavam bem presas, não havia nada que eu pudesse fazer. Minhas calças prenderam fogo. Meio saltei, meio desabei por

aquele chão de terra, jogando a palha incendiada para todos os lados. Algumas brasas foram voar longe, vagarosas, e queimar tetos de sapé. Rolei no chão, tentando apagar minhas próprias chamas, a turba se espalhou, muitos vindo contra mim.

Senti um chute no estômago, agarrei a perna, o desgraçado caiu. Arrastei-me pelo seu corpo, alcancei seu rosto e mordí. Não tinha noção da força, causei um ferimento feio. Senti o impacto longo de uma paulada nas costas. Eu era o segundo sacrifício daquela noite. Seria um festival, algo para contar aos netos.

Um relincho.

O povo se abriu como um pano na tesoura. Ele surgiu cavalgando, os enormes cascos da montaria se agitaram perto de cabeças. Não sei se alguém morreu atropelado, mas quero acreditar que não. Ele montava em pêlo, segurando a crina, e a outra mão no cabo da espada. Os calcanhares na barriga do cavalo, que parecia saber que estava sendo montado por um homem digno, um protagonista. Ele saltou, e eu tive uma esperança besta de que fosse me salvar, mas é claro que não. Saltou na direção do herege. Nem cavalo e nem cavaleiro se importavam com as chamas, porque eram heróis invencíveis. Não: porque eu espalhara o material incendiado, e o que havia sido uma pilha compacta e mortal tornara-se um fogo arredio e disperso, sem combustível, que assustava mais do que feria. Ele passou pelo herege, estendendo o braço da espada para trás, cortando as cordas. O homem despencou. Ele agarrou-o, jogou-o no lombo do animal. Claro que salvaria o herege. Era o Soldado do Diabo.

Um momento para tomar fôlego: todos os olhos nele, nenhuma atenção em mim. Aproveitei, ergui-me, o tornozelo torcido me derrubou de novo, apoiei-me num qualquer. O homem que eu mordera tentou agarrar minha perna, dei-lhe um coice. O Soldado do Diabo voltou seu cavalo para mim. Incitou-o ao povo, fazendo-os cair, correr, sair da frente. Galopou em minha direção, eu não saí — valentia de mártir, paralisia de medo.

— Estou, aqui, Atreu! — gritei. — Não estou fugindo! Venha me matar!

Ou quase. Meu grito saiu esganiçado, e não cheguei à segunda palavra, antes que o cavalo estivesse sobre mim. E Atreu, o Guerreiro do Povo, o Soldado do Diabo, erguesse sua espada e abaixasse-a, e tudo ficasse negro.

♦ ♦ ♦ ♦ ♦ ♦ ♦ ♦ ♦ ♦

Outra mentira: não era um cavalo. É claro que não haveria um cavalo num lugar miserável como aquele.

Era uma mula.

Mas um cavalo soa melhor.

O caçador de apóstolos é o novo romance de fantasia de **Leonel Caldela**, o mesmo autor da Trilogia da Tormenta (O inimigo do mundo, O crânio e o corvo e O terceiro Deus).

Com edição de **J.M. Trevisan**, O caçador de apóstolos será publicado pela Jambô Editora ainda no primeiro semestre de 2010. Fique atento às novidades sobre esta nova saga de fantasia aqui mesmo, na DRAGONSLAYER, ou no site da editora, em [www.jamboeditora.com.br](http://www.jamboeditora.com.br).